

Nedson Moreira Batista

DEUS:

COMO EU TE OBSERVO

VOLUME III

AINDA ESPERO EM TI

*Esperança adiada, calúnia, graça
e a coragem de permanecer*

Monte Mor - São Paulo - Brasil · 2026

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

VOLUME III

AINDA ESPERO EM TI

Esperança adiada, calúnia, graça e a coragem de permanecer

Nedson Moreira Batista

Monte Mor - São Paulo - Brasil · 2026

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

VOLUME III - AINDA ESPERO EM TI

Nedson Moreira Batista

Este terceiro volume nasce de orações pronunciadas antes de se tornarem literatura. A primeira voz preserva a temperatura do instante: repete, chora, pergunta, pede, contradiz-se e volta. A segunda voz retorna depois, organiza o que foi vivido, confere as referências bíblicas, distingue sentimento de afirmação objetiva e procura compreender sem corrigir a humanidade da oração. A terceira voz utiliza a Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI) apenas onde a formalização acrescenta clareza, sem transformar fé em demonstração científica.

Copyright © 2026 Nedson Moreira Batista. Todos os direitos reservados. A TCI é utilizada como lente epistemológica e metodológica. As confissões sobre Deus, Cristo, graça, oração e intervenção divina pertencem à fé do autor. As formulações exploratórias desenvolvidas neste volume não alteram a Versão 16.0 da TCI.

“Eu ainda espero em Ti. Não porque a espera deixou de doer, mas porque não encontrei em outro lugar palavras de vida eterna.”

- Nedson Moreira Batista

As três vozes no Volume III

A VOZ I - PENSAMENTO conserva a oração em sua condição mais íntima. Não é uma petição jurídica, um relatório de fatos nem uma demonstração teológica. É o lugar em que a alma diz como percebe a própria dor enquanto ainda está dentro dela. Por isso, quando a oração diz “destruíram minha reputação”, o livro preserva a verdade afetiva da frase sem transformar automaticamente a percepção do narrador em juízo definitivo sobre pessoas ou acontecimentos.

A VOZ II - O AUTOR é também a minha voz, mas depois da oração. Eu volto ao que disse, lembro o que vivi, aproximo a Escritura, a minha história e aquilo que aprendi no caminho. Não é uma voz externa julgando o homem que orou. É o mesmo homem conversando consigo depois que a emoção encontra um pouco mais de espaço para respirar. Aqui eu procuro sentido sem apagar a dor e sem entregar à reflexão o lugar que pertence à oração.

A VOZ III - A TCI ocupa o plano da representação. Ela observa a repetição das perguntas, a Persistência Causal, a Memória Sistêmica, as Compressões Recursivas, a Relatividade Observacional e a Identidade como Trajetória. A TCI não decide se Deus respondeu, se uma pessoa teve determinada intenção ou se uma realização futura provará uma doutrina religiosa. Sua tarefa é menor e, por isso, mais rigorosa: mostrar onde o modelo termina e onde X precisa continuar X.

Prefácio - Quando a oração volta ao mesmo lugar

Há dias em que a oração parece uma repetição. Eu me aproximo de Deus e reconheço as mesmas palavras esperando por mim: Senhor, ajuda-me; Senhor, responde-me; Senhor, eu ainda estou aqui. A impressão pode ser a de que nada mudou porque a pergunta voltou. Mas uma pergunta repetida por um homem que atravessou mais um dia não é exatamente a mesma pergunta.

Este volume nasce desse lugar. Não da novidade de um problema, mas da persistência de uma esperança. O primeiro livro observou o silêncio. O segundo aprendeu a dizer: eu não sei, o Senhor sabe. Agora a pergunta muda novamente de posição. Eu continuo sem possuir o futuro, continuo sem controlar o coração de outras pessoas e continuo sentindo a espera no corpo; ainda assim, descubro uma frase que permanece quando muitas outras perdem força: ainda espero em Ti.

Esperar, aqui, não significa chamar sofrimento de bênção automática. Provérbios reconhece que a esperança adiada adoece o coração. Os salmos conhecem o escárnio, a pergunta, a sensação de cerco e o pedido de socorro. Isaías conhece o cansaço e fala de forças renovadas. Pedro conhece o momento em que não possui alternativa intelectual que substitua a relação e pergunta: para quem iremos? O evangelho conhece uma viúva caminhando para um cemitério e uma história que, segundo a fé cristã, encontra a Vida no caminho.

Este volume não nasce da saudade de um amor perdido. A dor vem de outra região: ver meu nome atingido por calúnia e difamação, ouvir chacotas, perceber versões circulando onde eu não estou para responder e, sobretudo, atravessar dias em que estar longe dos meus filhos pesa mais do que qualquer explicação. Quando falo de amar, falo de não devolver mal com mal; quando falo de limites, falo de proteção. Peço que a maldade pare, que a verdade encontre espaço e que eu não precise me tornar parecido com aquilo que me feriu.

A TCI entra depois da oração. A Versão 16 mostra que trajetória, memória e compressões sucessivas influenciam a representação. Isso me ajuda a observar por que uma piada pode doer mais depois de uma longa história, por que versões mudam ao passar de pessoa em pessoa e por que a mesma pergunta pode permanecer enquanto eu me transformo.

Não escrevo estas páginas para provar que todo sonho se realizará. Também não quero transformar o resultado favorável em certificado do amor de Deus. Quero preservar algo mais humilde: a oração de um homem que ainda deseja, ainda sofre, ainda trabalha, ainda estabelece limites, ainda pede que o bem alcance quem o feriu e ainda encontra em Cristo uma história maior do que a sua. A esperança continua doendo. Mesmo assim, eu continuo vindo.

Sumário

PARTE I - QUANDO A ESPERANÇA DEMORA

Capítulo 1 - Todos os dias eu volto

Capítulo 2 - A esperança adiada dói

Capítulo 3 - Eles riem da minha esperança

Capítulo 4 - De onde virá meu socorro?

PARTE II - QUANDO FEREM O NOME E A FAMÍLIA

Capítulo 5 - Eu não elegi meus inimigos

Capítulo 6 - Flores e espinhos

Capítulo 7 - O que fizeram com meu nome

Capítulo 8 - Eu não consigo mudar corações

PARTE III - QUANDO CRISTO SE TORNA A HISTÓRIA MAIOR

Capítulo 9 - Para onde iremos?

Capítulo 10 - O cortejo que encontrou a Vida

Capítulo 11 - Uma história maior que a minha

Capítulo 12 - Renovado como água

PARTE IV - AINDA ESPERO EM TI

Capítulo 13 - Eu não quero inimigos

Capítulo 14 - Abençoa quem me feriu

Capítulo 15 - Eu ainda quero meus sonhos

Epílogo - Ainda espero em Ti

Caderno conceitual - TCI neste volume

Referências

Sobre o autor

PARTE I

QUANDO A ESPERANÇA DEMORA

A repetição da oração, o coração cansado e a diferença entre esperar e fingir que a espera não dói.

CAPÍTULO I**Todos os dias eu volto****VOZ I · PENSAMENTO**

Senhor meu Deus, uma vez mais estou na Tua presença. Parece repetição. Parece que todos os dias eu chego até Ti e falo das mesmas coisas, dos mesmos pedidos, das mesmas regiões da minha vida que continuam abertas. Às vezes tenho vergonha da repetição, como se a minha oração precisasse sempre trazer alguma novidade para merecer ser ouvida. Mas hoje não tenho novidade. Tenho o mesmo coração tentando permanecer diante de Ti.

Eu queria chegar e dizer: acabou, Pai; agora entendi. Queria contar que a resposta veio, que aquilo que doía encontrou lugar, que a espera terminou. Mas eu ainda estou no meio. Ainda olho para algumas coisas e elas parecem muito longe. Ainda existem pedidos que eu pronunciei tantas vezes que já conheço o caminho das palavras antes de dizê-las.

Não interpretes minha repetição como falta de fé. Talvez ela seja justamente uma forma de permanência. Se eu não acreditasse que posso falar contigo, eu já teria parado. Se eu não esperasse nada da Tua presença, eu teria procurado outro lugar para derramar aquilo que não consigo carregar sozinho. Eu volto porque ainda Te reconheço como casa para aquilo que não sei resolver.

Quando eu não tiver uma oração bonita, recebe a repetida. Quando eu não conseguir organizar os pensamentos, recebe o que vier quebrado. E quando eu disser pela centésima vez “Senhor, ajuda-me”, não me deixa acreditar que a repetição torna menor a verdade do pedido. Eu continuo aqui. Ainda espero em Ti.

VOZ II · O AUTOR

Quando releio a primeira frase deste volume - “parece repetição” -, eu me reconheço inteiro nela. Não é um recurso de escrita. É o cansaço de quem volta a Deus com pedidos que já conhece de memória e gostaria, sinceramente, de chegar um dia apenas para agradecer porque aquilo finalmente encontrou uma resposta.

Eu conheço essa repetição. Ela aparece quando acordo e lembro que determinadas coisas continuam abertas; aparece quando oro pelos meus filhos, pelo meu nome, pela justiça e por um pouco de paz. Mesmo assim, percebo que não volto exatamente igual. Há dias em que “ajuda-me” sai quase como um grito; em outros, sai baixo, cansado; em outros, é simplesmente a decisão de continuar diante de Deus.

Os salmos me consolam justamente porque não parecem constrangidos pela repetição. Davi pergunta, clama, volta, insiste. Paulo também conhece o pedido que retorna. Isso me dá liberdade para não transformar oração em apresentação. Eu não preciso chegar a Deus com uma frase inédita. Posso chegar com a verdade daquele dia, ainda que ela tenha o mesmo nome de ontem.

Por isso a segunda voz não quer consertar a primeira. Eu não quero olhar para o homem que orou e dizer que ele deveria ter sentido menos. Quero apenas reconhecê-lo: eu estava cansado de pedir as mesmas coisas e, ainda assim, voltei. Hoje, quando observo isso, talvez a permanência mais visível não esteja na resposta que ainda espero, mas no fato de eu ainda conseguir voltar.

VOZ III · A TCI

A TCI oferece uma leitura precisa para essa diferença. A Conservação das Perguntas afirma que o avanço do conhecimento não exige o desaparecimento das perguntas; elas podem ser reorganizadas à medida que o espaço observacional se expande. A pergunta pode permanecer enquanto o observador muda.

Podemos representar, de forma exploratória, a repetição assim: $Q(t_1) = Q(t_2)$, mas $O(t_1) \neq O(t_2)$. A igualdade se refere ao conteúdo central da pergunta; a desigualdade lembra que a trajetória do observador já foi modificada pelo tempo.

Isso não transforma oração em equação. Apenas impede uma conclusão precipitada: “se ainda pergunto, então nada mudou”. A Trajetória Observacional inclui aquilo que aconteceu entre uma oração e outra. A repetição aparente pode coexistir com transformação real.

$$Q(t_1) = Q(t_2), \text{ mas } O(t_1) \neq O(t_2)$$

CAPÍTULO 2

A esperança adiada dói

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, a Tua palavra conhece uma dor que eu às vezes tento esconder de mim mesmo. A esperança adiada faz adoecer o coração. Eu não preciso fingir que esperar é fácil para provar que confio em Ti. Há uma esperança que, quando demora, pesa no peito, atravessa o sono, entra nas manhãs antes de qualquer outra coisa.

Eu já esperei por respostas, por justiça, por reconstrução, por paz, por uma casa tranquila, por dias em que a minha vida não precisasse gastar tanta energia apenas tentando permanecer inteira. E quando olho para a distância entre aquilo que pedi e aquilo que consigo observar, a alma se pergunta se ainda vale a pena continuar imaginando.

Mas não quero transformar demora em abandono. Não quero chamar o calendário de profeta. O fato de eu não possuir hoje aquilo que desejo não me autoriza a afirmar que nunca possuirei. Do mesmo modo, não quero usar essa abertura para inventar certezas e dizer que tudo acontecerá exatamente como imaginei. Quero a honestidade difícil do meio: dói porque eu espero; eu espero sem possuir garantia sobre a forma do resultado.

Senhor, cuida do meu coração enquanto a esperança ainda é esperança. Não deixa a demora transformar desejo em amargura. Não deixa o que ainda não chegou roubar tudo aquilo que já existe. E, se algum sonho precisar mudar de forma, ensina-me a reconhecer a mudança sem sentir que toda a minha história perdeu o sentido.

VOZ II · O AUTOR

Provérbios 13:12 sempre me alcança porque não tenta embelezar a espera: a esperança adiada faz adoecer o coração. Eu preciso dessa honestidade bíblica. Há momentos em que esperar dói de verdade, e reconhecer a dor não diminui a minha fé.

No meu caso, essa espera não é uma ideia abstrata. Ela toca coisas concretas: estar perto dos meus filhos, ver meu nome preservado daquilo que considero calúnia e difamação, atravessar processos, esperar decisões, recuperar tranquilidade e voltar a sentir que a vida não precisa gastar tanta força apenas se defendendo.

Quando a demora cresce, também cresce a tentação de interpretar tudo por ela. Eu já senti o “ainda não” quase virar “nunca”. Já senti a distância parecer abandono. Ao mesmo tempo, não quero transformar o meu desejo em promessa que Deus seja obrigado a cumprir na forma que imaginei. Eu quero continuar pedindo sem fingir que conheço o calendário do céu.

Talvez seja esse o lugar mais honesto em que consigo permanecer: dizer que dói porque importa, continuar fazendo o que está ao meu alcance e não permitir que a demora tenha a última palavra sobre o significado da minha vida.

VOZ III · A TCI

Na TCI, uma parte da perturbação pode nascer da discrepância entre o modelo esperado e o estado observado. O próprio quadro conceitual da teoria reconhece a discrepância modelo-realidade como geradora de perguntas.

Para este livro, podemos representar de maneira exploratória um descompasso da esperança: $\Delta H(t) = H_d(t) - M_{\text{presente}}(t)$, em que H_d representa o futuro desejado e M_{presente} a representação atual. Não se trata de uma grandeza clínica nem de um conceito canônico da TCI.

Quanto maior a importância atribuída ao objeto esperado e quanto maior a persistência temporal da discrepância, maior pode ser a perturbação para aquele observador específico. Isso não prediz o resultado. Apenas explica por que o mesmo intervalo de tempo pode ser leve para um observador e quase insuportável para outro.

$$\Delta H(t) = H_d(t) - M_{\text{presente}}(t)$$

CAPÍTULO 3**Eles riem da minha esperança****VOZ I • PENSAMENTO**

Senhor, existe uma dor que não vem apenas daquilo que ainda não aconteceu. Vem dos olhos de quem observa a minha espera como espetáculo. Vem da pergunta que parece uma provocação: “cadê o seu Deus?”. Vem da risada diante do esforço, da sensação de que alguém olha para uma fase difícil e transforma o meu sofrimento em argumento contra tudo aquilo em que eu creio.

Eu sei que não posso controlar o que as pessoas pensam. Sei também que nem toda discordância é escárnio e que eu posso interpretar mal um gesto, uma palavra, um silêncio. Mas há momentos em que a chacota é percebida com clareza suficiente para doer. E dói porque não atinge apenas um projeto; tenta atingir a esperança que me mantém de pé.

Os salmos conhecem essa região. Há vozes que perguntam onde está Deus; há adversários numerosos; há o sentimento de estar cercado por quem celebra a queda. Eu não sou o primeiro homem a sentir vergonha misturada com fé. Não sou o primeiro a querer que Deus responda também diante de quem riu.

Mas guarda-me, Pai, de viver para a plateia. Se a minha vitória depender de alguém assistir, continuo preso ao olhar de quem me feriu. Se eu conseguir um dia bom e a primeira necessidade for verificar quem ficou sabendo, então a chacota ainda mora dentro da minha alegria. Eu quero ser livre até disso. Quero que a esperança deixe de ser defesa pública e volte a ser relação entre mim e Ti.

VOZ II • O AUTOR

O que mais me dói na chacota não é apenas a frase que alguém diz. É o que ela toca. Quando alguém ri da minha esperança, eu sinto que ri também dos meus esforços, das noites em que permaneci acordado, das orações pelos meus filhos, da luta para preservar meu nome e de tudo aquilo que tento reconstruir sem destruir ninguém no caminho.

Eu percebo como é fácil desejar uma vitória que também funcione como resposta pública. Há uma parte de mim que gostaria de ver tudo resolvido de maneira tão clara que ninguém pudesse continuar dizendo o que disse. Eu reconheço essa vontade. Ela existe. Mas não quero que a pessoa que me provocou receba o poder de definir o tamanho da minha vitória.

Os salmos me ajudam porque levam a humilhação para Deus sem exigir que o homem deixe de sentir. Eu posso dizer: “isso me feriu”, “isso foi injusto”, “eu quero socorro”. E, ao mesmo tempo, posso pedir que a minha resposta não seja construída pela mesma lógica da agressão que me atingiu.

Eu quero chegar ao dia bom e conseguir vivê-lo. Quero estar com meus filhos, trabalhar, rir, viajar, escrever, servir e agradecer sem precisar olhar para trás para conferir quem ficou sabendo. Para mim, essa liberdade seria uma vitória maior do que qualquer resposta dada à chacota.

VOZ III · A TCI

A Relatividade Observacional ajuda a compreender por que o mesmo acontecimento recebe significados distintos. Um observador pode ver perseverança onde outro vê ingenuidade; alguém pode interpretar silêncio como derrota e outro como fase de uma trajetória ainda aberta. Nenhuma dessas representações, por si só, equivale à realidade integral.

A perturbação também é relativa ao observador. Uma frase aparentemente pequena pode produzir impacto elevado quando incide sobre uma região de alta importância identitária. A TCI preserva a trajetória como parte da explicação: $P_i(E,t)$ depende não apenas do evento E , mas da memória e da posição do observador i .

A teoria não pode afirmar a intenção de quem viu se essa intenção não foi observada de modo suficiente. Pode, porém, descrever o efeito: o escárnio percebido entra no sistema como perturbação e pode reorganizar decisões futuras. Reconhecer isso permite trabalhar o efeito sem fabricar causalidades que os dados não sustentam.

$$P_i(E,t) = f(E, trajetória_i, memória_i, contexto, X)$$

CAPÍTULO 4**De onde virá meu socorro?****VOZ I · PENSAMENTO**

Meu Deus, eu olho para os montes e repito a pergunta do salmista: de onde virá o meu socorro? Há dias em que eu não sei de qual direção pode vir a próxima ajuda. Não sei qual conversa mudará alguma coisa, qual documento abrirá um caminho, qual pessoa aparecerá, qual decisão será tomada longe dos meus olhos.

Eu tentei me isolar. Tentei fazer silêncio para compreender o Teu silêncio. Fiquei comigo mesmo, com as minhas perguntas, com a Bíblia aberta, com a sensação de que talvez, se eu retirasse ruído suficiente, ouviria uma resposta que resolvesse tudo. Às vezes encontrei paz. Em outras, o silêncio ficou tão grande que o próprio silêncio pareceu produzir barulho dentro de mim.

Então eu volto ao salmo. O socorro não vem dos montes; o salmista olha para eles e responde que o socorro vem do Senhor, Criador dos céus e da terra. Essa é a minha confissão. Não significa que eu saiba o mecanismo. Talvez o socorro chegue por uma pessoa, por uma oportunidade, por uma mudança em mim, por uma porta que hoje não consigo sequer nomear.

Eu farei aquilo que estiver ao alcance das minhas mãos. Mas quando minhas mãos terminarem, não quero obrigar minha mente a continuar trabalhando como se pensar mais pudesse controlar aquilo que já não depende de mim. De onde virá meu socorro? Eu não sei o caminho. A minha esperança está em Ti.

VOZ II · O AUTOR

Quando repito o Salmo 121, a pergunta “de onde virá meu socorro?” não é poesia distante. Ela entra diretamente naquilo que vivo. Há situações em que eu realmente não sei qual será o próximo movimento capaz de abrir caminho, e é justamente aí que essa passagem deixa de ser apenas um texto conhecido e volta a ser oração.

Eu também aprendi que o socorro pode chegar por caminhos muito concretos. Pode vir por uma decisão, por um documento encontrado no momento certo, por alguém que decide ajudar, por uma mensagem, por trabalho,

por conhecimento, por uma porta administrativa ou por uma oportunidade que hoje eu ainda não consigo enxergar. Eu não separo essas coisas da minha fé; para mim, Deus pode agir sem que eu consiga desenhar antecipadamente o mecanismo.

Por isso confiar não significa ficar parado. Se preciso mandar mensagens, eu mando. Se preciso estudar, documentar, trabalhar, procurar orientação ou apresentar provas, eu faço. O que eu tento aprender é outra coisa: depois de fazer o que está ao meu alcance, não exigir da minha mente o poder de controlar aquilo que já saiu das minhas mãos.

Quando digo que meu socorro vem do Senhor, não estou desistindo da responsabilidade. Estou reconhecendo que a minha responsabilidade tem um limite. E, depois desse limite, eu preciso de um lugar onde a alma possa descansar sem fingir que todas as respostas já chegaram.

VOZ III · A TCI

A TCI distingue aquilo que está dentro do espaço observacional do observador daquilo que permanece fora dele. Também é útil distinguir, como aplicação filosófica, o espaço de ação A_O e o espaço de observação Ω_O . Eu posso observar algo sobre o qual não tenho poder; posso agir em uma situação que não compreendo integralmente.

O socorro futuro contém variáveis ainda fora de $\Omega_O(\text{to})$. Chamar essas variáveis de X não significa atribuí-las a Deus nem negá-las. Significa preservar a região ainda não observada.

A ação responsável pode ser expressa de modo simples: agir em A_O com o melhor modelo disponível, preservando $I > 0$. A fé entra em outro plano: para o autor, o desconhecido não possui apenas um limite; possui também um destinatário para a confiança.

Ação responsável: agir em A_O com o melhor M disponível, preservando $I > 0$

PARTE II

QUANDO FEREM O NOME E A FAMÍLIA

Calúnia, difamação, distância dos filhos, escárnio e a decisão de não permitir que a maldade escolha a forma final da resposta.

CAPÍTULO 5**Eu não elegi meus inimigos****VOZ I · PENSAMENTO**

Senhor, eu não elegi meus inimigos. Eu não me sentei para escolher pessoas e dizer: você será contra mim, você será alguém de quem preciso me defender. Eu queria amigos. Eu queria fazer parte. Eu queria construir pontes e não aprender nomes de guerras que nunca desejei travar.

Por isso me dói quando uma relação passa a ser organizada pela hostilidade. Eu me pergunto o que existe em mim que incomoda tanto. Pergunto se é algo que preciso corrigir, se houve ruído, se errei, se fui excessivo, se não percebi alguma coisa. Eu não quero usar a oração para me declarar inocente de todos os conflitos humanos. Eu também falho. Também posso ferir. Também posso compreender errado.

Mas existe uma diferença entre reconhecer minha falibilidade e aceitar qualquer agressão como se fosse minha obrigação suportá-la. Eu quero paz, Pai, mas não quero chamar exposição ao dano de amor. Eu quero amigos, mas não posso comprar pertencimento com a entrega dos meus limites.

Quebra em mim a necessidade de responder à hostilidade com identidade de hostilidade. Eu não quero me tornar “o inimigo de alguém”. Se outra pessoa me enxerga assim, que eu faça tudo o que for justo para não alimentar a destruição. E, quando a distância for necessária, dá-me a coragem de mantê-la sem transformar distância em ódio.

VOZ II · O AUTOR

Quando digo “eu não elegi meus inimigos”, estou falando de uma coisa muito concreta: eu não queria viver cercado pela linguagem da guerra. Eu queria trabalhar, cuidar dos meus filhos, construir meus projetos, ajudar pessoas e viver em paz. Descobrir que alguém me enxerga como adversário não transforma automaticamente essa identidade em algo que eu tenha de aceitar para mim.

Eu sei que conflito existe. Sei que há momentos em que preciso me defender, documentar, procurar instituições e colocar limites claros. Isso não contradiz o desejo de paz. Ao contrário: algumas vezes, proteger a própria vida, o próprio nome e a própria convivência com os filhos é exatamente a forma responsável de impedir que a perturbação continue crescendo.

Também não quero me colocar numa posição em que eu seja incapaz de olhar para mim. Eu posso errar, exagerar, falar mal, interpretar mal. Essa possibilidade precisa continuar aberta porque eu não quero construir uma narrativa em que todos os meus atos são bons apenas porque foram meus. Mas reconhecer meus erros não me obriga a assumir como minha a escolha alheia de mentir, difamar, provocar ou ferir.

Eu quero permanecer responsável pelo que é meu e deixar com cada pessoa aquilo que pertence às suas próprias decisões. Talvez isso seja uma forma de paz: não fugir da minha parte, mas também não carregar a parte de todos.

VOZ III · A TCI

A Relatividade Observacional mostra que participantes de um conflito podem construir modelos diferentes do mesmo conjunto de eventos. Isso não torna todas as narrativas verdadeiras em igual medida; significa apenas que cada modelo preserva propriedades diferentes e precisa ser confrontado com evidências.

O princípio do Observador como Parte do Sistema é especialmente importante aqui. Eu não observo o conflito de fora. Minha memória, meu medo, minhas expectativas e meus objetivos participam da representação que construo. Reconhecer isso não invalida minha experiência; apenas reduz a pretensão de neutralidade absoluta.

Uma regra compatível com a TCI seria: separar evento observado E, interpretação $M_i(E)$, intenção atribuída e variável X. Quanto mais grave a conclusão sobre o outro, maior a necessidade de evidência antes de converter inferência em fato.

E observado != intenção atribuída

CAPÍTULO 6

Flores e espinhos

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, há uma imagem que não sai de mim: oferecer flores e receber espinhos. Eu sei que nenhuma vida humana cabe inteiramente nessa metáfora. Eu também já fui difícil, também já decepcionei, também posso ter oferecido menos do que imaginei. Mas a imagem traduz uma sensação verdadeira: muitas vezes eu procurei fazer o bem e recebi de volta algo que não parecia guardar relação com aquilo que eu desejava entregar.

Quando eu tinha pouco, ofereci o pouco. Quando tive mais, tentei oferecer mais. Trabalhei, construí, ajudei, dei tempo, dei presença, dei aquilo que sabia dar. Não digo isso para comprar mérito diante de Ti. Digo porque dói quando o coração organiza uma expectativa simples - bondade produzirá bondade - e a realidade mostra que as relações humanas não obedecem a essa simetria.

Eu não quero deixar de oferecer flores apenas porque descobri que existem espinhos. Mas também não quero oferecer as mãos sem perceber onde estão as pontas que ferem. Ensina-me uma bondade que não seja ingenuidade. Uma generosidade que não exija cegueira. Uma ternura que saiba reconhecer perigo sem transformar todo jardim em ameaça.

Se eu fizer o bem, que seja porque o bem continua sendo aquilo que desejo preservar em mim, e não porque acredito que ele obrigará o outro a me devolver o mesmo. Livra-me de transformar amor em contrato secreto.

VOZ II · O AUTOR

Quando falo de flores e espinhos, não estou falando de um amor perdido. A imagem nasceu de uma sensação mais ampla: eu passei grande parte da vida tentando oferecer o que tinha - trabalho, presença, ajuda, conhecimento, tempo, cuidado - e algumas vezes vi isso voltar para mim em forma de desprezo, mentira ou hostilidade.

Eu sei que bondade não é uma moeda e que ninguém me deve gratidão eterna porque eu ajudei. Ainda assim, existe uma dor humana quando aquilo que foi oferecido com intenção de construir encontra uma resposta destrutiva. Essa dor não precisa ser negada para que eu continue acreditando no bem.

Quando olho para Cristo, encontro justamente uma história em que fazer o bem não impediu rejeição, acusação ou sofrimento. Isso me confronta porque desmonta a ideia de que a bondade funciona como proteção automática. O bem continua sendo bem mesmo quando não produz imediatamente a resposta que eu desejava.

O que eu quero preservar é isso: que os espinhos me ensinem prudência, mas não me convençam a arrancar todas as flores de mim. Posso limitar acesso, posso me proteger, posso responder pelos meios corretos e, ainda assim, continuar escolhendo não devolver maldade como método.

VOZ III · A TCI

Na TCI, expectativa e realidade são representações distintas. O observador constrói modelos causais a partir da experiência: “quando faço A, espero B”. Esses modelos são úteis, mas continuam compressões e podem falhar diante de variáveis não observadas.

Uma resposta negativa ao gesto de bondade não demonstra que a bondade foi inútil, assim como um gesto de bondade não garante reciprocidade. A cadeia causal inclui história do outro, contexto, interesses, ruídos, memórias e X.

A Persistência Causal ajuda a explicar por que experiências repetidas de frustração podem modificar respostas futuras. O risco é transformar memória em regra universal: “recebi espinhos, portanto toda flor será desperdiçada”. A trajetória deve informar prudência sem converter experiência local em lei total.

experiência local != lei universal

CAPÍTULO 7**O que fizeram com meu nome****VOZ I • PENSAMENTO**

Senhor, existe uma dor particular quando o que está em jogo não é apenas o que aconteceu, mas aquilo que passou a ser dito sobre mim. Eu posso perder dinheiro e tentar reconstruir. Posso perder um objeto e comprar outro. Mas quando sinto que meu nome foi colocado em lugares onde eu não estava para responder, a sensação é de impotência.

Eu digo na oração: destruíram minha reputação. É assim que a dor chega. Parece que histórias viajam mais rápido do que a minha capacidade de explicar. Uma frase passa por uma pessoa, depois por outra, muda de tamanho, perde contexto, ganha intenção, recebe certeza. E quando chega ao fim, às vezes já não reconheço a experiência que lhe deu origem.

Pai, eu não quero viver correndo atrás de cada conversa. Não quero transformar a minha existência em um esforço impossível de controlar todas as representações que existem sobre mim. Dá-me coragem para corrigir o que precisa ser corrigido, apresentar evidências quando forem necessárias e aceitar que há percepções que nunca estarão sob meu controle.

Guarda principalmente meu coração da tentação de devolver o mesmo método. Se eu sofro com histórias distorcidas, não me permita combater distorção com outra distorção. Que a verdade não precise da mentira como aliada.

VOZ II • O AUTOR

Meu nome sempre foi uma parte importante da minha história porque carrega trabalho, formação, projetos, erros, acertos, paternidade, fé e tudo aquilo que fui construindo. Por isso me atinge de maneira tão profunda quando percebo meu nome circulando em versões que não reconheço como verdadeiras.

Quando eu uso palavras como calúnia e difamação, não estou tentando transformar o livro em petição. Estou registrando a maneira como vivo essas acusações e o peso que elas tiveram sobre mim. Quando preciso tratar os fatos fora da oração, eu volto para documentos, mensagens, datas e evidências. Mas aqui eu também preciso dizer o que isso fez com a minha alma.

Talvez a região mais dolorosa seja quando a ferida no nome deixa de ser apenas reputacional e encontra a família. Estar longe dos meus filhos já é uma dor por si só; imaginar que versões sobre mim possam alcançar pessoas que amo acrescenta uma impotência difícil de explicar. Eu queria poder responder a tudo de uma vez, corrigir tudo de uma vez, estar perto de uma vez. A vida não funciona nessa velocidade.

Então volto à trajetória. Meu nome não começou numa acusação e não termina numa versão sobre mim. Ele também é o menino que trabalhou cedo, o homem que estudou, o pai que ama, o profissional que construiu, o pesquisador que escreve e o cristão que continua orando. Eu não controlo todas as narrativas, mas ainda posso continuar construindo a minha história.

VOZ III · A TCI

As Compressões Recursivas oferecem uma aplicação especialmente forte aqui. A TCI descreve cadeias em que $M_1 = \text{Phi}(R)$, $M_2 = \text{Phi}(M_1)$, $M_3 = \text{Phi}(M_2)$ e assim sucessivamente. Cada nova representação pode preservar informação, eliminar contexto ou introduzir interpretações decorrentes da própria compressão.

Em redes sociais e cadeias de comunicação, sucessivas reformulações podem produzir simplificação excessiva, consolidação de interpretações parcialmente incorretas e amplificação de erros. A teoria não autoriza concluir que isso ocorreu em um caso particular sem evidência; fornece, porém, um mecanismo geral para compreender por que narrativas podem se afastar progressivamente do evento inicial.

A melhor resposta observacional é reduzir camadas quando possível: retornar a documentos, mensagens originais, datas, registros e fontes primárias. Quanto menor a distância entre observador e evidência, menor tende a ser a dependência de compressões herdadas.

$$M_1 = \text{Phi}(R); M_2 = \text{Phi}(M_1); \dots; M_n = \text{Phi}(M_{n-1})$$

CAPÍTULO 8

Eu não consigo mudar corações

VOZ I · PENSAMENTO

Meu Deus, eu não consigo transformar o coração de ninguém. Essa frase deveria me aliviar, mas às vezes ela dói. Eu posso conversar, explicar, pedir perdão pelo que me cabe, oferecer paz, mostrar intenção, colocar limites, apresentar verdade. Ainda assim, existe uma porta dentro do outro que eu não abro por fora.

Eu queria que algumas pessoas conseguissem enxergar o amor antes da guerra. Queria que a graça ocupasse tanto espaço dentro delas que a maldade perdesse lugar. Queria que alguém que hoje pensa em ferir pudesse olhar para a própria vida, reconhecer bondade recebida e decidir: eu não quero mais fazer isso.

Mas essa transformação não me pertence. Eu não consigo produzir arrependimento, ternura, honestidade ou paz no interior de outra pessoa. Posso desejar. Posso orar. Posso agir de forma coerente. Posso me afastar quando necessário. O coração alheio não é uma extensão da minha vontade.

Então, Pai, tira de mim a missão impossível de corrigir todas as versões, convencer todas as pessoas e alcançar todo coração que decidiu me enxergar de outra maneira. Se a verdade precisar aparecer, dá-me meios para apresentá-la. Se eu precisar me defender, dá-me sabedoria. E, quando nada mais depender de mim, ensina-me a seguir sem transformar a opinião alheia em medida do meu valor.

VOZ II · O AUTOR

Eu já gastei muita energia imaginando qual palavra ainda faltava. Qual mensagem poderia explicar melhor. Qual documento faria alguém enxergar. Qual frase conseguiria atravessar uma opinião já formada. Essa procura nasce, em parte, do desejo legítimo de ser compreendido; mas ela também pode se tornar uma prisão quando eu passo a acreditar que existe uma combinação perfeita de palavras capaz de controlar a consciência de outra pessoa.

Eu posso mandar mensagens, apresentar documentos, corrigir informações, pedir desculpas pelo que realmente me pertence e sustentar a verdade do que vivi.

Tudo isso faz parte da minha responsabilidade. O que não posso fazer é entrar na mente do outro e obrigá-lo a reorganizar aquilo que decidiu acreditar.

Quando oro para que Deus transforme corações, não estou pedindo uma reaproximação afetiva. Estou pedindo algo mais simples e, para mim, mais importante: que a maldade pare; que ninguém precise me diminuir para sustentar a própria versão; que haja espaço para verdade, paz e respeito, mesmo quando cada pessoa segue o seu caminho.

Eu posso desejar o bem de longe. Posso defender meu nome sem desejar destruir o nome de ninguém. Posso pedir justiça sem pedir convivência. Posso amar meus filhos, lutar para estar perto deles e continuar entregando a Deus aquilo que não consigo mudar dentro das outras pessoas.

VOZ III · A TCI

O Espaço de Ação do observador é finito. Posso modificar minhas decisões, meu comportamento, meus documentos, minha disponibilidade e meus limites. Não posso controlar diretamente as variáveis internas que pertencem a outro observador.

Podemos representar essa assimetria de forma simples: A_O não contém o estado interno completo de O_outro. Isso preserva uma fronteira de causalidade e responsabilidade.

A TCI também alerta para o risco de preencher X. Quando não sei por que alguém agiu, posso formular hipóteses, mas não devo convertê-las silenciosamente em certeza. A oração pode perguntar “por que existe tanta maldade?”, enquanto a análise posterior reconhece que motivações específicas permanecem parcialmente inacessíveis.

A_O não contém o estado interno completo de O_outro

PARTE III

QUANDO CRISTO SE TORNA A HISTÓRIA MAIOR

*A esperança deixa de depender apenas do desfecho pessoal e encontra
uma narrativa que atravessa o sofrimento sem fazer do sofrimento
um deus.*

CAPÍTULO 9**Para onde iremos?****VOZ I · PENSAMENTO**

Senhor Jesus, eu repito as palavras de Pedro: para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna. Eu não digo isso porque não existem outras ideias no mundo, outras filosofias, outras explicações. Digo porque, quando a minha alma chega ao limite, não encontrei outra história que ocupe em mim o lugar que a Tua ocupa.

Eu posso estudar, calcular, escrever, formular teoria, organizar evidências. Tudo isso me ajuda. Mas existe uma região em mim que não pergunta apenas como o sistema funciona. Pergunta por que continuar quando a dor ultrapassa aquilo que consigo resolver. E nessa região eu volto para Ti.

Às vezes eu gostaria de ter uma alternativa que doesse menos. Uma fé sem espera, sem silêncio, sem cruz, sem necessidade de confiar quando ainda não vejo. Mas a Tua história não me oferece isso. Ela me oferece presença, graça, verdade, responsabilidade, amor e uma esperança que não depende de eu possuir todas as respostas.

Para onde eu iria, Senhor? Se eu me afastasse de Ti porque não compreendi tudo, levaria comigo as mesmas perguntas e perderia justamente o lugar onde aprendi a pronunciá-las. Então eu fico. Não porque terminei de entender. Eu fico porque ainda Te reconheço.

VOZ II · O AUTOR

Quando Pedro pergunta “para quem iremos?”, eu não leio apenas uma resposta bonita. Eu reconheço uma pergunta que já fiz do meu próprio jeito. Nos momentos em que a fé não me entregou a explicação que eu queria, eu também precisei decidir se continuaria falando com Deus mesmo sem compreender tudo.

É isso que acontece neste volume. Eu não chego a Cristo depois de resolver as perguntas. Eu chego com elas. Levo a dor do meu nome, a saudade dos meus filhos, a espera por justiça, o cansaço das provocações e a dificuldade de compreender por que algumas pessoas escolhem ferir.

Pedro não me ensina a desligar o pensamento. Pelo contrário: a minha busca por compreensão continua. Eu estudo, escrevo, confronto evidências e tento

organizar o que vejo. Mas existe uma região em que a informação não substitui presença. É nessa região que a pergunta “para onde eu iria?” se torna pessoal.

Eu permaneço porque Cristo ainda é, para mim, o lugar onde a pergunta pode existir sem precisar ser escondida. Não porque eu tenha deixado de perguntar, mas porque continuo reconhecendo nele uma história capaz de me sustentar enquanto a resposta não chega.

VOZ III · A TCI

A TCI não consegue demonstrar a afirmação “Cristo tem palavras de vida eterna”. Isso pertence à confissão religiosa do autor. A teoria pode observar a estrutura: o observador seleciona uma narrativa que reorganiza o significado de perturbações e decisões futuras.

Quando uma representação possui alto peso identitário, ela participa de compressões posteriores. A fé torna-se um referencial dentro do qual novas experiências são interpretadas. Isso não prova a verdade teológica da fé; descreve seu papel no sistema observador.

O princípio do Observador como Parte do Sistema impede fingir neutralidade. Minha leitura de sofrimento, esperança e propósito é condicionada pela trajetória cristã que já integra meu espaço observacional. Reconhecer essa condição é mais rigoroso do que apresentar minha fé como se fosse uma conclusão produzida por um observador sem história.

fé confessada != demonstração científica

CAPÍTULO 10

O cortejo que encontrou a Vida

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, quando penso na viúva de Naim, penso numa estrada dividida por dois movimentos. De um lado, uma cidade acompanhava uma mãe que ia enterrar o filho. Do outro, Jesus se aproximava. Ela caminhava para um lugar que, para ela, parecia fim. E, segundo o evangelho, a Vida estava vindo na direção contrária.

Essa imagem me alcança porque há dias em que eu também interpreto a direção do caminho pelo que consigo ver à minha frente. Se estou carregando perda, imagino que todo o restante da estrada pertencerá à perda. Se estou cansado, imagino que o futuro já recebeu a cor do cansaço.

Eu não quero usar Naim como promessa de que toda morte será interrompida aqui, de que todo processo terminará como eu desejo ou de que cada tristeza receberá um milagre visível. A própria fé cristã conhece tópicos que não foram evitados. Mas a cena me ensina que o meu campo de visão não contém necessariamente tudo aquilo que pode encontrar a minha trajetória.

Senhor Jesus, quando eu estiver caminhando como quem só consegue enxergar o cemitério, lembra-me de que eu não vejo a estrada inteira. Dá-me coragem para continuar até o ponto em que a minha história encontre aquilo que hoje ainda está fora dos meus olhos.

VOZ II · O AUTOR

A cena de Naim sempre me impressiona porque a viúva não está procurando uma parábola sobre esperança. Ela está enterrando o filho. Há um cortejo, uma perda concreta, um caminho que parece já ter destino. E é exatamente dentro desse caminho que o evangelho apresenta um encontro que ela não havia planejado.

Eu não uso essa passagem para prometer a mim mesmo que cada dor terá uma interrupção espetacular. Seria transformar uma história específica numa garantia que o texto não me deu. O que a cena faz em mim é diferente: ela me lembra que eu não vejo tudo o que pode cruzar a minha estrada.

Quando estou longe dos meus filhos, quando meu nome parece preso a versões que não consigo controlar ou quando uma decisão demora, é fácil olhar para o presente e tratá-lo como se fosse o formato definitivo da história. Naim quebra essa arrogância do desespero: aquilo que eu vejo é real, mas não é necessariamente tudo.

Eu continuo caminhando sem saber o que encontrarei adiante. A fé, para mim, não é afirmar que conheço o próximo acontecimento. É não entregar ao pior momento de hoje o direito de escrever sozinho o amanhã inteiro.

VOZ III · A TCI

Na TCI, o estado observado em t_0 é uma compressão da trajetória e não sua totalidade. Formalmente, $S(t_0)$ não equivale a T . A trajetória futura contém eventos e variáveis ainda não incorporados ao modelo atual.

O encontro de Naim pertence à narrativa de fé e não pode ser derivado da teoria. A TCI oferece somente o limite epistemológico: $M(t_0)$ não contém R_{futuro} .

Isso é suficiente para uma disciplina importante. O observador pode reconhecer a realidade do luto presente sem promover o luto a descrição total do futuro. Uma perturbação é parte da trajetória; não é, por definição, a trajetória inteira.

$$S(t_0) \neq T(\text{vida})$$

CAPÍTULO II**Uma história maior que a minha****VOZ I • PENSAMENTO**

Senhor, a Tua história atravessou gerações antes que eu existisse. Eu nasci dentro de um tempo pequeno, com problemas que parecem enormes porque são meus. Mas quando olho para Cristo, encontro uma história que atravessou milênios, atravessou povos, idiomas, perdas, perseguições, quedas de impérios, mudanças de cultura, e ainda alcançou a minha casa, a minha oração, o meu quarto.

Nas noites em que a minha própria história parece grande demais para mim, há consolo em pertencer a algo maior. Não porque meus problemas se tornem pequenos por comparação, mas porque eles deixam de ocupar todo o horizonte. Eu não sou apenas o homem que foi ferido. Não sou apenas o homem que espera. Não sou apenas o homem que quer que seu nome seja compreendido corretamente.

Eu sou também alguém que canta, que trabalha, que ama os filhos, que estuda, que escreve, que ora, que erra, que aprende e que escolheu seguir Cristo. A dor é uma parte real da história; não quero expulsá-la do texto. Mas também não quero dar a ela o direito de ser o título de todos os capítulos.

Que a Tua história seja maior do que a minha sem apagar a minha. Que eu encontre dentro dela um lugar para continuar servindo, construindo, amando e vivendo. E que, quando eu estiver tentado a transformar um conflito no centro da existência, eu me lembre de que já pertenço a uma narrativa que começou antes dele e continuará depois dele.

VOZ II • O AUTOR

Há dias em que um problema tenta ocupar meu nome inteiro. Eu me percebo falando, pensando e organizando o dia em torno da mesma ferida. Nesses momentos preciso lembrar que sou mais do que aquilo que fizeram ou disseram sobre mim. Sou pai, filho, profissional, pesquisador, amigo, cristão, alguém que trabalha, escreve, canta, aprende e continua tentando construir.

A história de Cristo me ajuda justamente porque me retira da prisão de uma narrativa pequena demais. Não pequena porque minha dor seja insignificante, mas porque ela não pode ser tudo. Há uma história de fé que chegou até mim antes desses conflitos e que continuará existindo depois deles.

Isso muda também a maneira como penso meus filhos. A distância dói, mas a minha paternidade não desaparece na distância. Meu amor por eles não cabe apenas nos dias em que consigo estar perto. Ele atravessa espera, documentos, saudade, oração, presença possível e a esperança concreta de convivência.

Eu não quero negar a ferida nem construir uma identidade de ferida. Quero que ela ocupe o lugar que realmente possui: parte da minha trajetória, nunca a totalidade do homem que eu sou.

VOZ III · A TCI

A Identidade como Trajetória Observacional é o conceito mais adequado aqui. A TCI afirma que a identidade não corresponde exclusivamente ao estado presente, mas ao conjunto de transformações acumuladas ao longo da história.

Formalmente, $T(t) = \text{integral } K(t)dt$ e $Id = F[T(t)]$. Um estado doloroso pode ser intenso sem esgotar Id. Da mesma forma, uma reputação social localizada não equivale à trajetória integral do observador.

A Memória Sistêmica explica por que a história permanece influenciando respostas futuras. Porém, memória não significa destino fixo. Novas experiências entram na trajetória e podem reorganizar o peso relativo das antigas. A identidade é histórica, não imóvel.

$$Id = F[T(t)]$$

CAPÍTULO 12

Renovado como águia

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, há dias em que eu entro na oração quebrado. Entro cansado de ouvir, cansado de lembrar, cansado de tentar explicar, cansado até de mim mesmo. Existe algo que acontece quando eu permaneço diante de Ti: nem sempre o problema muda, mas eu saio diferente.

Isaías diz que os que esperam no Senhor renovam as forças; sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não desfalecem. Eu conheço o cansaço. Por isso essa palavra me alcança. Eu não quero fingir que sou uma máquina espiritual que nunca perde energia. Quero poder dizer: eu cheguei sem força e encontrei força suficiente para o próximo passo.

Às vezes a renovação não parece uma águia. Parece levantar da cama. Parece fazer o trabalho que precisa ser feito. Parece brincar com um filho quando a mente queria permanecer presa à preocupação. Parece responder com educação onde seria fácil responder com raiva. Parece conseguir dormir depois de entregar a Ti aquilo que eu não consigo resolver durante a noite.

E há dias, Senhor, em que eu realmente sinto a alma saltar. Entro esmagado pela afronta e termino a oração respirando outra vez. Eu não consigo provar o mecanismo dessa transformação para ninguém. Eu apenas reconheço a experiência: cheguei de um jeito e saí de outro. Obrigado porque, muitas vezes, o refrigerio veio no último segundo.

VOZ II · O AUTOR

Isaías 40 me alcança porque começa reconhecendo o cansaço. Eu não preciso fingir força para pedir renovação. Há dias em que chego à oração sem energia, depois de pensar demais, responder demais, lembrar demais e tentar sustentar coisas demais ao mesmo tempo.

Quando digo que saio renovado, estou descrevendo algo que acontece comigo. Muitas vezes o problema continua no mesmo lugar, mas eu consigo respirar melhor, organizar o pensamento, voltar ao trabalho, brincar com meu filho quando posso estar com ele, estudar ou simplesmente dormir sem continuar discutindo mentalmente com pessoas que nem estão diante de mim.

Eu não preciso transformar essa experiência em regra para ninguém. Ela é minha. É assim que a oração participa da minha trajetória. Algumas vezes encontro silêncio; em outras, encontro um refrigério muito concreto. E justamente porque conheço os dois, a palavra “renovação” não é, para mim, uma decoração religiosa.

Talvez por isso a imagem da águia permaneça tão viva. Eu não a leio como promessa de uma vida sem fadiga. Eu a leio como esperança de que o cansaço não precise ser meu estado final todas as vezes.

VOZ III · A TCI

A TCI distingue estado e trajetória. Uma oração pode produzir uma mudança observável no estado emocional do observador sem eliminar as causas externas que originaram a perturbação.

Podemos representar exploratoriamente: $S_{antes} \neq S_{depois}$, enquanto $E_{externo}$ pode permanecer constante. Isso mostra por que reorganização interna e solução externa não são a mesma coisa.

A Memória Sistêmica também importa. Repetidas experiências de recuperação podem tornar-se parte da trajetória e alterar respostas futuras: o observador lembra não apenas da dor, mas de ocasiões em que atravessou a dor. A memória do sofrimento e a memória da recuperação coexistem.

$S_{antes} \neq S_{depois}$, mesmo quando $E_{externo}$ permanece

PARTE IV

AINDA ESPERO EM TI

*Limites sem ódio, oração por quem feriu e a decisão de continuar
desejando o futuro sem transformar o futuro em prova do amor de
Deus.*

CAPÍTULO 13

Eu não quero inimigos

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor, quebra essa ideia em mim: eu não quero ter inimigos. Não quero acordar pensando em quem está contra mim. Não quero organizar meus dias em listas de adversários. Eu quero amigos. Quero mesa, conversa, confiança, gente que consiga celebrar sem competir, discordar sem destruir, afastar-se sem difamar.

Mas eu também aprendi que desejar paz não significa permanecer em qualquer círculo. Existem ambientes em que a conversa se alimenta da chacota, em que a maldade vira entretenimento, em que o conselho não procura construir. Eu posso desejar o bem e, ainda assim, dizer: aqui eu não fico.

Ensina-me a sair sem levar o círculo comigo dentro da cabeça. Porque existe uma forma de isolamento em que o corpo vai embora, mas a mente continua sentada na roda, repetindo cada frase, imaginando cada conversa, preparando respostas para pessoas que nem estão presentes.

Eu quero amigos, Pai. Mas, antes disso, quero ser alguém capaz de amizade sem abrir mão da prudência. Que eu não chame desconfiança permanente de sabedoria. Que eu não chame ingenuidade de bondade. Dá-me a difícil medida entre coração aberto e porta com fechadura.

VOZ II · O AUTOR

Quando digo “eu não quero inimigos”, eu não estou negando que existam pessoas que me ataquem, provoquem, mintam ou trabalhem contra mim. Estou dizendo que não quero viver oferecendo a elas o centro da minha identidade. Eu não quero acordar sendo primeiro adversário de alguém e só depois pai, pesquisador, trabalhador ou cristão.

A Bíblia me manda amar inimigos e orar por quem persegue. Para mim, isso nunca significou deixar de me proteger. Posso recorrer aos meios corretos, guardar documentos, responder quando necessário, buscar justiça e, ainda assim, pedir a Deus que eu não seja consumido pelo desejo de devolver o dano.

O Salmo 1 fala da roda dos escarnecedores, e essa imagem combina com aquilo que sinto diante de ambientes em que a chacota vira hábito. Eu não preciso

transformar toda pessoa que discorda de mim em inimigo; mas também não preciso permanecer voluntariamente onde a maldade é tratada como entretenimento.

Sair é uma parte. A outra é tirar o ambiente de dentro de mim. Eu conheço a experiência de estar fisicamente longe e continuar repetindo mentalmente frases, respostas e cenas. A liberdade que eu peço a Deus é também essa: não permitir que a roda continue girando dentro da minha cabeça depois que eu já me levantei dela.

VOZ III · A TCI

Na TCI, redes de interação propagam perturbações. Um sistema pode reduzir acoplamentos específicos sem desejar a destruição dos sistemas conectados. Em linguagem existencial: estabelecer distância pode ser uma forma de reduzir propagação de dano.

Essa aplicação não é um teorema moral da TCI. A teoria apenas permite visualizar que conectividade aumenta possibilidades de transmissão - de cuidado e também de perturbação.

A decisão ética pertence ao autor: reduzir conectividade nociva sem transformar o outro em objeto de ódio. A meta não é eliminar pessoas do mundo, mas ajustar a fronteira do próprio espaço de ação.

limite de convivência != ódio

CAPÍTULO 14

Abençoa quem me feriu

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, eu Te peço uma coisa que às vezes parece maior do que a minha força: abençoa quem me feriu. Abençoa de tal maneira que a bondade ocupe espaço. Que a graça encontre regiões onde a mágoa criou raízes. Que haja tanta vida para cuidar, tanta paz para preservar e tanta gratidão para reconhecer que a maldade deixe de parecer uma opção interessante.

Eu não estou pedindo que o mal seja chamado de bem. Não estou pedindo que a verdade desapareça. Se houver responsabilidade, que exista responsabilidade. Se houver necessidade de reparação, que a justiça faça seu trabalho. Eu apenas não quero precisar da destruição de ninguém para acreditar que fui ouvido.

Transforma, Senhor, pelo Teu amor. Mostra a essas pessoas uma bondade tão real que elas possam dizer: eu não quero continuar reproduzindo dor. E, se um dia elas se lembrarem de mim, que não encontrem dentro de si necessidade de me diminuir para sustentar a própria história.

Eu sei que essa oração também precisa me alcançar. Porque é fácil pedir que Deus purifique o coração do outro e esquecer de perguntar o que ainda precisa ser purificado no meu. Livra-me da superioridade de quem se imagina exclusivamente luz diante da escuridão alheia. Se há raiva em mim, trata. Se há orgulho, mostra. Se há desejo escondido de revanche, desarma.

Que a bênção que eu peço não seja uma forma sofisticada de dizer “muda-os para que parem de me incomodar”. Que seja verdadeira: faz-lhes bem, meu Deus. E, ao mesmo tempo, guarda-me.

VOZ II · O AUTOR

Quando releio esta oração, encontro talvez uma das partes que mais dizem quem eu quero continuar sendo. Eu falo de calúnia, difamação, chacota, dor, injustiça e distância; ainda assim, em algum momento, a oração deixa de pedir apenas proteção e começa a pedir bênção para quem me feriu.

Mateus 5, Lucas 6 e Romanos 12 entram aqui não como enfeite, mas como confronto. É fácil desejar que Deus me faça justiça; muito mais difícil é pedir que o bem também alcance quem eu considero responsável por parte da minha dor. Eu não quero chamar o mal de bem, não quero desistir da verdade e não quero abandonar os meios legítimos de defesa. Quero apenas recusar a vingança como alimento.

Quando peço que Deus abençoe essas pessoas, não estou pedindo que voltem para a minha intimidade. Nem estou escrevendo sobre um amor que desejo recuperar. Estou pedindo que elas encontrem paz, graça e sentido suficientes para não precisar ferir, difamar, provocar ou destruir. Se cada uma seguir o seu caminho sem maldade, essa já seria uma resposta bonita.

E essa oração precisa passar por mim também. Eu não quero usar a fé para construir superioridade moral. Se há raiva em mim, eu preciso reconhecer. Se há orgulho, preciso enxergar. Se existe desejo escondido de revanche, quero que Deus o desmonte. A bênção que peço para os outros só é verdadeira se eu também estiver disposto a ser transformado.

VOZ III · A TCI

A Perturbação Sistêmica permite uma analogia cuidadosa. Dano recebido pode ser transmitido adiante: uma pessoa ferida responde ferindo outra, e a cadeia se propaga. Interromper a reprodução do dano reduz um caminho possível de propagação.

Podemos escrever, apenas como aplicação ética exploratória: *P_recebida* não implica *P_retransmitida*. A existência de uma causa não determina obrigatoriamente a repetição do mesmo padrão de resposta.

A Persistência Causal continua verdadeira: o dano pode permanecer na memória mesmo quando não é retransmitido. Não devolver o mal não significa não sentir o impacto. Significa recusar que o impacto recebido possua exclusividade causal sobre a ação futura.

P_recebida não implica P_retransmitida

CAPÍTULO 15

Eu ainda quero meus sonhos

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor, eu ainda quero meus sonhos. Eu quero dias tranquilos. Quero uma casa que carregue paz. Quero mesa, filhos, trabalho, viagens, projetos, saúde, amor, amigos verdadeiros. Quero olhar para trás e perceber que aquilo que quase me quebrou não conseguiu impedir toda a vida que ainda existia pela frente.

Eu disse uma coisa na oração que preciso repetir diante de Ti: quero alcançar meus sonhos como prova viva de que o Senhor me ama. Essa frase saiu de uma região muito profunda. Há em mim uma vontade de que a reconstrução seja tão visível que ninguém consiga olhar para a minha história e concluir que fui abandonado.

Mas, Pai, corrige em mim o que existe de perigoso nessa necessidade. Se a realização dos meus sonhos for prova do Teu amor, o que direi nos dias em que um sonho não se realizar? Direi que deixaste de me amar? Eu não quero construir uma teologia em que prosperidade seja certificado de filiação e sofrimento seja prova de rejeição.

Então recebe o desejo sem aceitar a barganha. Eu quero vencer, sim. Quero prosperar. Quero recuperar o que puder ser recuperado. Quero construir mais do que perdi. Quero viver coisas bonitas. Mas não quero precisar transformar cada conquista em argumento contra alguém nem cada perda em argumento contra Ti.

Se meus sonhos vierem, ensina-me gratidão. Se algum sonho mudar, dá-me flexibilidade. Se algum não vier, sustenta minha identidade. E enquanto eu ainda não conheço a forma do futuro, deixa esta frase permanecer limpa: eu ainda espero em Ti.

VOZ II · O AUTOR

Quando ouvi de mim mesmo a frase “quero alcançar meus sonhos como prova viva de que o Senhor me ama”, eu entendi de onde ela vinha. Depois de tanta espera e de tanta sensação de humilhação, existe uma vontade humana de ver a reconstrução aparecer diante dos olhos. Eu queria que meus filhos perto, meu

trabalho, minha casa, meus projetos e a paz fossem também uma espécie de resposta visível a tudo aquilo que tentou me reduzir.

Mas, quando volto à Escritura, percebo que não posso colocar sobre o sucesso a tarefa de provar o amor de Deus. Cristo é amado e sofre. Paulo serve e sofre. Os salmos estão cheios de homens que pertencem a Deus e, ainda assim, atravessam noites profundas. Se eu fizer da prosperidade a prova do amor, transformarei a dor em prova de abandono – e eu mesmo não creio nisso.

Isso não diminui meus sonhos. Eu continuo querendo crescer, prosperar, construir patrimônio, viajar, trabalhar, ver meus projetos florescerem e, acima de tudo, estar perto dos meus filhos. Eu quero tudo isso com força. O que muda é o peso que coloco sobre o resultado.

Eu quero receber cada conquista como graça, trabalho, oportunidade e responsabilidade; não como um julgamento final sobre o meu valor. E, se algum sonho demorar ou mudar de forma, quero continuar sabendo que minha vida ainda possui sentido antes do próximo resultado.

VOZ III · A TCI

A TCI volta ao ponto central: M_resultado não equivale à realidade integral da relação entre observador e mundo. Um conjunto de indicadores externos – patrimônio, estabilidade, reconhecimento, relações – preserva propriedades importantes, mas não esgota a existência.

O futuro permanece sob Ignorância Residual. Planejar é racional; transformar o plano em previsão garantida não é. Do mesmo modo, interpretar um resultado como prova total de valor pessoal constitui compressão excessiva.

Podemos condensar a disciplina deste capítulo em duas desigualdades: resultado favorável != valor integral; resultado adverso != identidade final. A trajetória continua maior do que qualquer estado observado.

resultado favorável != valor integral; resultado adverso != identidade final

Epílogo - Ainda espero em Ti

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor meu Deus, chego ao fim destas páginas e percebo que continuo trazendo algumas das mesmas perguntas. Ainda existem coisas que eu gostaria de ver resolvidas. Ainda existem nomes que doem, lembranças que se movimentam quando alguma palavra toca nelas, sonhos que continuam esperando um lugar na realidade.

Mas hoje eu consigo perceber outra coisa: eu não preciso negar a dor para reconhecer a graça. Posso dizer que a esperança adiada doeu e, ao mesmo tempo, agradecer porque ela não conseguiu me fazer abandonar completamente a esperança. Posso dizer que fui ferido e ainda pedir que quem me feriu seja alcançado pelo bem. Posso colocar limite sem oferecer o coração ao ódio.

Eu ainda quero meus sonhos, Pai. Continuo querendo casa, paz, mesa, afeto, trabalho, saúde, viagens, risadas, meus filhos perto, projetos dando frutos. Continuo querendo olhar para trás e reconhecer reconstrução. Mas não quero mais usar o futuro para provar que sou amado. Quero viver a Tua graça hoje, inclusive enquanto algumas coisas que desejo continuam sem forma.

Quando eu entrar novamente na Tua presença repetindo a mesma frase, lembra-me: a repetição não significa necessariamente que eu fiquei parado. Eu posso carregar a mesma pergunta com um coração diferente. Posso chegar cansado e sair com força suficiente. Posso não conhecer a estrada e ainda dar o próximo passo.

Para onde eu iria, Senhor? Eu ainda não encontrei em outro lugar aquilo que encontro quando falo contigo. Então esta é a minha frase agora. Não é uma previsão sobre tudo o que acontecerá. É uma posição diante do que ainda não aconteceu: ainda espero em Ti. Amém.

VOZ II · O AUTOR

Este terceiro volume termina exatamente onde nasceu: dentro da espera. Eu não escrevi depois de resolver tudo. Escrevi enquanto ainda existem decisões que

aguardo, versões que gostaria de corrigir, saudade dos meus filhos e perguntas que continuo levando a Deus. Talvez por isso eu não queira fabricar um final que a minha vida ainda não viveu.

O que mudou foi o centro da narrativa. No começo, a demora e a chacota pareciam ocupar quase tudo. Depois, meu nome, a distância, a necessidade de me defender e a vontade de ver justiça foram encontrando lugar nas páginas. Mas, aos poucos, a oração voltou a lembrar aquilo que eu não quero perder: meus filhos, meus projetos, minha fé, minha capacidade de fazer o bem e a possibilidade de existir para além do conflito.

Cristo passa a ocupar mais espaço do que os adversários. Para mim, esse é o deslocamento mais importante. Não porque o que aconteceu deixa de importar, mas porque eu me recuso a entregar a quem me feriu o direito de ser personagem principal da minha vida.

Por isso “ainda espero em Ti” não é uma previsão de que tudo acontecerá exatamente como imaginei. É a frase que sobra quando eu reconheço que ainda não sei o desfecho, mas sei onde continuo levando a minha dor. Eu ainda espero. Ainda oro. Ainda trabalho. Ainda amo meus filhos. Ainda construo. E ainda escolho não transformar o mal que recebi no método pelo qual vou viver.

VOZ III · A TCI

A trajetória deste volume pode ser descrita pela interação entre Perturbação Sistêmica, Memória Sistêmica, Compressões Recursivas e Identidade como Trajetória Observacional. Eventos reputacionais, familiares e sociais produzem efeitos; esses efeitos podem persistir; narrativas sobre os eventos podem sofrer novas compressões; e o observador incorpora tudo isso sem se reduzir a qualquer componente isolado.

A Conservação das Perguntas encerra o percurso. Q pode permanecer enquanto O se transforma. A pergunta “quando?” pode continuar existindo; o peso, a função e a resposta comportamental associada a ela podem mudar.

A TCI termina onde deve terminar. Ela não prova que a esperança será satisfeita, que Deus intervirá de determinada forma ou que o sofrimento possui finalidade específica. Afirma apenas que o modelo presente não equivale à realidade integral e que a identidade do observador não equivale ao estado perturbado de um instante.

O restante pertence à confissão que dá título ao volume: ainda espero em Ti.

$$Q(t_1) = Q(t_2), \text{ mas } O(t_1) \neq O(t_2)$$

Caderno conceitual - TCI neste volume

Compressão Observacional

Processo pelo qual o observador constrói uma representação de menor dimensionalidade da realidade. Neste volume, aparece nas leituras do conflito, do futuro e da reputação.

Ignorância Residual

Região da realidade que permanece fora do modelo. Impede transformar o que não sei sobre intenções, futuro ou causalidade em certeza conveniente.

Observador como Parte do Sistema

Princípio segundo o qual toda representação é condicionada pela posição, trajetória, instrumentos e linguagem do próprio observador.

Trajetória Observacional

Acumulação histórica de conhecimento e experiência, representada por $T(t) = \int K(t)dt$. Impede reduzir uma identidade a um estado instantâneo.

Memória Sistêmica

Modificações produzidas pela história do sistema e capazes de alterar respostas futuras. Uma experiência de escárnio ou acolhimento pode modificar a leitura de sinais posteriores.

Persistência Causal

Continuidade dos efeitos de um evento depois do instante em que ocorreu. A ferida pode permanecer sem possuir exclusividade causal sobre a ação futura.

Compressões Recursivas

Representações sucessivas em que um modelo se torna insumo de outro. No campo reputacional, ajudam a compreender como relatos podem perder contexto ou ganhar interpretações ao circular.

Relatividade Observacional

Diferentes observadores podem preservar propriedades diferentes da mesma realidade sem que isso implique que todas as interpretações sejam igualmente verdadeiras.

Identidade como Trajetória Observacional

A identidade é compreendida como função da trajetória acumulada, não como fotografia do estado presente.

Conservação das Perguntas

O crescimento do conhecimento reorganiza perguntas sem exigir que todas desapareçam. Uma pergunta pode permanecer enquanto muda o observador que a carrega.

Descompasso da esperança - formulação exploratória

$\Delta H(t) = H_d(t) - M_{\text{presente}}(t)$. Recurso literário-filosófico deste volume para representar a distância entre um futuro desejado e o estado atualmente observado. Não é conceito canônico da TCI.

Não reprodução do dano - aplicação ética exploratória

P_{recebida} não implica $P_{\text{retransmitida}}$. Expressa a possibilidade de uma perturbação produzir memória e dor sem determinar obrigatoriamente a repetição deliberada do mesmo dano contra outros.

Fronteira sem ódio - aplicação ética exploratória

Estabelecer distância e reduzir conectividade nociva sem transformar a proteção em desejo de destruição do outro. Não constitui princípio canônico da TCI.

Referências

- BATISTA, Nedson Moreira. Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica: Fundamentos Epistemológicos, Formalização Matemática e Programa de Pesquisa. Versão 16.0. Monte Mor: Autor, 2026.
- BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo: fé, sofrimento, sentido e os limites da compreensão humana à luz da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica. Volume I. Monte Mor: Autor, 2026.
- BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volume II - O Senhor Sabe: fragilidade, proteção, futuro e os limites daquilo que consigo ver. Monte Mor: Autor, 2026.
- BÍBLIA SAGRADA. Referências mobilizadas neste volume: Salmos 1, 34, 42, 69, 121 e 125; Provérbios 13:12; Isaías 40:28-31; Mateus 5:43-48 e 24:12; Lucas 6:27-36 e 7:11-17; João 2:1-11, 3:16 e 6:60-69; Romanos 12:17-21. As passagens são predominantemente parafraseadas no corpo do texto.

Sobre o autor

Nedson Moreira Batista é pesquisador independente e autor da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI). Sua atuação profissional e intelectual reúne regulação sanitária, auditoria, saneamento ambiental, qualidade, sistemas complexos, ciência de dados, inteligência artificial e investigação dos limites da representação.

Na coletânea Deus: Como Eu Te Observo, o autor ocupa deliberadamente outra posição: observa a própria fé, a memória, o sofrimento e a esperança sem transformar a experiência religiosa em demonstração científica. A arquitetura de três vozes preserva o Pensamento como oração, o Autor como reflexão posterior e a TCI como disciplina epistemológica.

O Volume III - Ainda Espero em Ti nasce de orações sobre esperança adiada, calúnia, difamação, escárnio, distância dos filhos, reputação, limites, graça e a decisão de continuar desejando o bem mesmo depois da ferida. Seu eixo não é um amor perdido, mas a permanência diante de Deus quando o nome, a família e a esperança atravessam perturbações profundas.

AINDA ESPERO EM TI

VOLUME III

Há orações que retornam ao mesmo lugar porque a resposta ainda não chegou. E há dias em que a demora não dói sozinha: ela é acompanhada pelo escárnio, por acusações e versões sobre o próprio nome, pela distância dos filhos e pela exaustão de tentar preservar verdade e esperança ao mesmo tempo.

Em *Ainda Espero em Ti*, Nedson Moreira Batista parte de orações pronunciadas no instante da dor para investigar uma pergunta mais difícil: como continuar esperando, defendendo a verdade e buscando justiça sem transformar a própria vida em vingança?

As três vozes retornam. O Pensamento ora sem esconder a ferida. O Autor revisita a oração à luz da Escritura, da experiência e da responsabilidade. A TCI formaliza trajetória, memória, perturbação, compressões recursivas e os limites do que pode ser afirmado.

O resultado é um livro sobre uma esperança que ainda dói, mas já não precisa destruir; sobre a possibilidade de pedir que Deus abençoe quem feriu sem abandonar proteção, verdade ou justiça; e sobre a decisão de continuar desejando o futuro sem fazer dele a prova de que se é amado.

Nedson Moreira Batista

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

VOLUME III · AINDA ESPERO EM TI

*“Eu ainda espero em Ti.
Não porque a espera deixou de doer,
mas porque não encontrei em outro lugar
palavras de vida eterna.”*

— Nedson Moreira Batista

Neste terceiro volume, a oração retorna ao lugar em que a esperança demora e a dor alcança o nome e a família. Em três vozes - Pensamento, Autor e TCI - a obra atravessa calúnia, difamação, escárnio, distância dos filhos, espera por justiça e a coragem de continuar fazendo o bem sem negar a realidade.

Não é um livro sobre amor perdido. É um livro sobre permanência diante de Deus quando versões sobre nós circulam, quando o convívio que mais importa é atingido pela distância e quando a esperança precisa aprender a viver sem se converter em vingança.

